



A VELHICE FRENTE AO ESPELHO: CONCEPÇÕES SOBRE ENVELHECIMENTO, HOMOSSEXUALIDADES E LAÇOS SOCIAIS¹

Junior Malinowski de Oliveira²

Resumo

O atual século é marcado pelo avanço e o aumento na diversidade de debates e discussões, dentre elas, de particular interesse para este estudo, encontramos os debates sobre o envelhecimento dos sujeitos e as sexualidades humanas. Na intersecção 'velhice e homossexualidades masculinas', este estudo objetivou buscar de forma geral como homens homossexuais velhos vivenciam o seu processo de envelhecimento. Nesse liame, tangenciar suas sexualidades e como a vivenciam nessa etapa da vida, as transformações da imago de si mesmos durante as modificações inerentes ao corpo e ao desejo, e como se dá o percurso da velhice frente aos laços sociais. A pesquisa foi de caráter qualitativo, com a amostra composta por três homens cisgêneros homossexuais, de idades entre sessenta e setenta e um anos. Para coleta de dados optou-se por trabalhar com entrevistas semiestruturadas e a análise de dados foi realizada a partir da concepção da Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Frente aos espelhos a velhice que não se deseja é vista, chega como que de assalto, assusta, angustia e inquieta. Falar e pesquisar o envelhecimento humano é penetrar num vasto oceano de enigmas e complexidades ímpares, de singularidades únicas e semelhanças muito possíveis.

Palavras-Chave: Envelhecimento. Homossexualidade. Psicanálise. Imago.

Eu acordei de manhã e me deparei com o reflexo do próprio rosto a dançar com as gotas de chuva se emoldurando no vidro da janela. E mesmo estando no auge dos meus quase vinte e um anos eu enxerguei através dos olhos refletidos a imagem da criança que ainda habitava em mim. Fazia festa entre os contornos do passado que me erguiam até o hoje. O de vinte e o de cinco.

Então parou o tempo o relógio que fazia tic e tac na parede e por detrás de mim, no reflexo do espelho, eu ouvi chamar a voz familiar do velho eu de setenta. E ali no quarto se alinharam como o planeta, o sol e a lua, um eclipse: eu. Despi-me do tempo e sem idade nenhuma eu sentei no chão gelado e brinquei com a criança, ouvi cantar o de vinte e sussurrei ao de setenta.

Fiz um pedido ao tempo, e que ele me desse a graça de nunca temer a velhice e nunca esquecer a criança. Cantando poemas, o de vinte pediu ao de setenta amor e o de cinco riu. Riram a manhã inteira as idades.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à graduação de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná. Orientação: Prof.^a Ms. Sandra Cristine Machado Mosello. Coorientação: Dra. Regina Célia Celebrone.

² Graduando de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná



Vestiram-se de tempo outra vez e celebraram a vida. Mais ainda, celebraram o amor sem a necessidade de anos.
(JUNIOR MALINOWSKI, 2021)

Para os velhos e velhas, de ontem e hoje, que costuraram em mim o desejo de escrever velhices.

Introdução

Há mesmo os velhos que, na velhice, descobrem o amor. Amar é brincar com a pessoa amada. Tão bonito, o amor dos velhos.
(RUBEM ALVES, 2001)

Ao longo da trajetória dos estudos sobre a sexualidade humana até os dias de hoje, os estudos acerca das homossexualidades estiveram sempre presentes, em especial a partir da obra de Sigmund Freud, em seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. A investigação psicanalítica de Freud (1905/1915), evidenciou que a escolha objetal, seja ela ao sexo oposto ou não, assim como observado na infância, é uma atitude original e inconsciente, alicerçada pela formação da sexualidade.

Ainda dentre as conceituações teóricas nos três ensaios freudianos da sexualidade, destaca-se a leitura de um importante excerto, o qual afirma que “em todos os neuróticos – sem exceção – encontram-se, na vida psíquica inconsciente, impulsos de inversão - o inverso do esperado - uma outra possibilidade, de fixação da libido em pessoas do mesmo sexo.” (Freud, 1905, p. 63). Ou seja, através da literatura psicanalítica, pode-se afirmar que as homossexualidades não devem ser vistas através do campo das perversões, nem mesmo, pelo campo das psicopatologias, assim como, durante consideravelmente muitos anos foi vista. É de se fazer valer que as homossexualidades e seus enlaces devem ser entendidas como uma atitude original da escolha inconsciente de objeto.

Nas palavras de Ceccarelli, quando cita a obra freudiana (2008, pag. 75),

[...] a pulsão sexual não tem objeto fixo, ou seja, ela não está atrelada ao instinto como nos animais. Ao contrário, o objeto da pulsão é diversificado, anárquico, plural e parcial; exprime-se de várias formas: oral, anal, escopofílica, vocal, sádica, masoquista, dentre outras.

Hoje, diferente de como era chamada inicialmente inversão (termo gerador de muitas interpretações), a homossexualidade deixa sua terminologia singular e passa a ser nomeada no plural. A homossexualidade humana não é pré-determinada ou padronizada, apresenta-se como individual, levada em sua formação por diversos afluxos e caminhos diferentes. Desta forma torna-se necessário nominá-la como *homossexualidades*. Não há como definir um único fator, um único



acontecimento ou “gene” específico para a sexuação do sujeito. Pensar nas homossexualidades é voltar o olhar para o entendimento da pluralidade de rotas trilhadas pela formação da sexualidade do sujeito que o levam a suas escolhas de objeto desejante. (Simões, 2014). Portanto, far-se-á importante a esse estudo assim apresentá-la.

No campo social, as homossexualidades fazem parte de uma discussão importante, uma vez que são atravessadas por diversos níveis sociais como a família, o trabalho e em especial a própria idade. O sujeito homossexual é defrontado logo de início com a problemática de “assumir-se ou não” frente às esferas sociais. Como parte do escopo de comportamentos à serem tomados pela decisão de assumir sua sexualidade, precisa encarar a encenação social escorchantemente das perdas e prejuízos que estrangulam os possíveis ganhos que se pode obter sendo quem realmente se é (Guimarães, 2009, p. 554).

Para Mota (2012) a homosociabilidade tem a marca de uma forte erotização nas relações interpessoais. Nesse sentido, o corpo e a performance corporal que expressa jovialidade são capitais simbólicos exigidos para que o sujeito seja adepto aos meios gays. Ou seja, o câmbio estético da velhice não se encaixa nesse padrão rígido. Sendo assim, o gay velho que não detém esses capitais é deixado de fora dos meios homosociais.

Uma das marcas que mais afetam a subjetividade do sujeito é a sua idade e o seu relacionamento nos laços sociais. Mota (2012) afirma que o envelhecimento é um processo em curso, circulado de ideais, símbolos e marcas da vida. É neste processo que o indivíduo lança um olhar para si mesmo, muitas vezes, respaldado pelo olhar do outro. Um olhar de um processo em que “se evidenciam as marcas das distinções e toda uma lógica de poderes, os quais acionam hierarquias em que se subscrevem simbolicamente as ideias de juventude e velhice.” (Mota, 2012)

Segundo Costa (1998), os indivíduos idosos sofrem da estigmatização, do esquecimento e do abandono advindo dos demais que os circulam e/ou que um dia se fizeram presentes. Hoje, a sociedade atingida pela globalização tecnológica, não os incluem e não os vê como capazes de produzir. A imagem atribuída a estes, permeia entre os diálogos nostálgicos proferidos como, perdidos nos meandros da escuta daqueles que os rodeiam, e o velho distante que precisa de cuidados e distanciamento.

Como bem salienta Mota (2012), a velhice em todo o seu curso é marcada por uma complexidade ímpar, uma vez que, chega até o sujeito primeiramente pelo olhar externo, pelo olhar do Outro. Ou seja, saber-se idoso é saber-se velho, em primeiro plano pelo dito e pelos olhos de alguém, mesmo que investido numa aparência que busca expressar um ideal de jovialidade. É no corpo que as marcas biológicas do desenvolvimento humano são deixadas e expostas, são as marcas da vida que se arquitetam e engendram um corpo que denuncia a longevidade daquele sujeito.

As dificuldades enfrentadas por sujeitos idosos, que ultrapassaram a marca de seus sessenta anos de idade, são inúmeras. Desde a estigmatização própria da sua idade, quanto ao imaginário social que prescreve a imagem do velho decrépito, isento de utilidade e vigor, feiura, e acima de tudo,



fora dos padrões de jovialidade que tanto requerem os meios sociais, e o próprio fim da vida (Mota, 2012). Por sua vez, idosos gays carregam consigo todos estes problemas e estigmas, mas ainda carregam sobre as costas fardos pesados de preconceito e exclusão, bem como, na maioria das vezes, o peso de uma sexualidade reprimida por muitos anos – resultado de um roteiro e um papel social exigido em épocas anteriores de sua vida (Antunes, 2017).

Segundo Mota (2012), estes sujeitos, gays e velhos, estão numa luta contínua para a afirmação de sua sexualidade e sua livre expressão, bem como se desvencilhar dos estigmas impostos e marcados pelo meio social e cultural no qual se inserem. Muitos destes, que durante anos, tiveram de manter sua sexualidade resguardada afim de cumprir o papel heteronormativo imposto e evitar serem acometidos pelas mazelas sociais e principalmente, familiares, advindas do preconceito e da exclusão. O atual século é marcado pelo avanço e o aumento na diversidade de debates e discussões, dentre elas, de particular interesse para este estudo, encontramos os debates sobre o envelhecimento dos sujeitos e as sexualidades humanas.

Sobre a sexualidade, verificamos que tanto antes quanto agora, é ainda recheado de tabus e preconceitos, mas, começa a ser visto por diversos outros ângulos e facetas, e a voz de milhares de pessoas começa a ser ouvida, ter um lugar especial de fala. Os movimentos e discussões acerca das homossexualidades acontecem nos âmbitos acadêmicos, entre as ciências psicológicas, políticas e sociais, na mídia e nas políticas públicas (Costa & Kamimura, 2011). Sobre o envelhecimento do sujeito, buscou-se dentro das conceituações, discussões e reflexões psicanalíticas de Mucida (2019), filosóficas de Beauvoir (2018), e outras diversas áreas do saber e debates científicos a respeito da velhice destes sujeitos, detentores de subjetividades marcadas por diferentes experiências.

Na obra *Escritos*, Jacques Lacan lança aos psicanalistas uma reflexão crucial aos que embarcam no trabalho com o inconsciente humano, em especial aos que empreitam estudos acerca da sexualidade humana “Deve renunciar à prática da Psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1998, p. 321). Para tanto, neste estudo objetivou-se de forma geral, conhecer como os homens homossexuais vivenciam seu processo de envelhecimento. E especificadamente, verificar os discursos dos

homens homossexuais velhos acerca de sua sexualidade durante o processo de envelhecimento, conhecer como os homens homossexuais velhos percorrem o processo de envelhecimento diante do laço social e compreender como homens homossexuais velhos subjetivam a transformação da imagem de si mesmos durante o processo de envelhecimento.

Frente ao saber e a curiosidade que move os pesquisadores, fez-se importante lançar olhares e dar voz a estes sujeitos, que por muito tempo, se mantiveram calados. Vozes estas que de maneira exponencial contribuíram para o entendimento das velhices e de subjetividades que já percorreram anos e décadas. Significações e concepções acerca de um olhar através do Outro e principalmente, um olhar dirigido a si próprio, enquanto homem gay e velho, inserido numa sociedade repleta de estigmas e preconceitos fortemente enraizados (Antunes, 2017).



Metodologia

Esta pesquisa foi de caráter qualitativo. Segundo Neves (1996), a pesquisa qualitativa é importante aliada na compreensão e na interpretação de fenômenos, a partir de seus significantes e seus contextos. Fornece a possibilidade de inserção do pesquisador no meio social do objeto, permitindo um contato direto com este, ampliando significativamente o enfoque e o entendimento da realidade. Para coleta de dados optou-se por trabalhar com entrevistas semiestruturadas. Para Manzini (2004), a entrevista semiestruturada permite que não ocorra uma padronização de respostas e alternativas, e dispõe da possibilidade de imersão mais livre de informações. É importante aliada para a obtenção de novos saberes inclusos na tessitura dos discursos de cada entrevistado, que serão pilares essenciais na arquitetura deste estudo. As entrevistas foram compostas por 21 perguntas (ANEXO 1), embasadas teoricamente nos estudos apresentados por Mota (2012), Ceccarelli (2008) e Antunes (2017) e contaram com uma composição semiestruturada a fim de dispor maior espaço e possibilidades de resposta e diálogos.

Após o projeto de pesquisa ter sido aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Tuiuti do Paraná, sob o CAAE 48889321.4.0000.8040, o pesquisador entrou em contato com público-alvo pertencente a sua rede de contatos. A amostra foi composta por três homens cisgêneros homossexuais velhos, de idades entre sessenta e setenta e um anos, residentes em diferentes estados brasileiros. O agendamento e as entrevistas foram realizados de maneira on-line, através da plataforma de vídeo Google Meet, frente à impossibilidade de encontros presenciais advindas da pandemia do COVID-19. Obteve-se a autorização dos participantes por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 2).

A análise de dados foi realizada a partir da concepção da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011). Segundo a autora, todo sujeito em entrevista comparece-se em sua singularidade de fala e traz arraigado nela toda sua subjetividade. Nela se apresentam todo o sistema de pensamentos do sujeito, assim como seus processos cognitivos, suas emoções, valores, afetividades e principalmente, mesmo que a longos ou curtos passos, o seu inconsciente. Quando fala o sujeito embarca na direção de sua própria linguagem, usando de sua tessitura singular e individual para enovelar descritivamente os acontecimentos de sua vida, suas práticas, crenças e juízos que o fazem ser quem é em sua singularidade (Bardin, 2011).

Bardin (2011) ainda indica três importantes fases para que se possa empreitar a análise dos conteúdos trazidos pelo locutor e especificamente transcritos como o analista os escutou. Afim de chegar a melhores resultados de interpretação das entrevistas e ditos dos sujeitos seguiu-se o modelo estabelecido pela autora, sendo a 1ª Fase correspondente à pré análise e a organização dos dados, a 2ª Fase correspondeu à exploração de todo o material obtido e a 3ª Fase correspondeu à apresentação e discussão dos resultados.



Análise e Discussão dos Dados

Nunca imaginei que isso iria me acontecer. Mas aconteceu. Fiquei velho. Não é ruim. A velhice tem uma beleza que lhe é própria. A beleza das velhas árvores é diferente da beleza das árvores jovens. O triste é quando as velhas árvores, cegas para a sua própria beleza, começam a imitar a beleza das árvores jovens.
(RUBEM ALVES, 2001)

O envelhecimento humano é uma condição existencial que não foge a nenhum indivíduo. De fato, a partir dos primeiros segundos de vida o ser humano começa a envelhecer. A velhice por sua vez é um dos marcos desse processo natural e carrega consigo, assim como todo marco da existência humana, uma série de definições. É circundada de discursos e permeada por um imaginário social bastante difundido. No entanto, como dizem Seffner e Duarte (2015), ser velho ninguém gosta de ser, “pois todos carregam (ou deveriam carregar) elementos do vigor da juventude”. Deflagrar-se com a própria imagem envelhecida no espelho ou no retrato de família, é deparar-se com um corpo envelhecido, marcado pelo tempo, uma imagem da qual não se quer ver, uma imagem que não responde ao desejo do Outro (Mucida, 2019). Do outro? Ou do próprio olhar a partir do que pensa sobre o que quer o outro.

Na cultura ocidental, inseridos numa sociedade capitalista, onde o novo é exaltado e o velho descartado, cujo mito do belo e da juventude eterna permeiam o imaginário social, a velhice chega como de assalto, uma surpresa desagradável ao indivíduo. Ao deparar-se com ela, o velho destituído de um lugar que possa ocupar, vê-se a imergir num enorme sentimento que o assola, o de ter sido trapaceado pela própria vida e de que a morte está agora à espreita (Santos, 2003). Pensar e refletir, discutir e pesquisar a velhice é buscar entender também as diversas intersecções que atravessam esses sujeitos. A sexualidade é uma delas.

Falar de sujeitos velhos gays é inserir-se num entendimento prévio de uma dupla exclusão social, frente aos saberes já postulados pelas áreas de pesquisa e estudo do envelhecimento humano, dos estudos de gênero e sexualidade – áreas já bastante consolidadas no âmbito acadêmico. Sujeitos velhos e gays são atravessados por uma realidade que não os insere pela condição de serem velhos e também pela condição de suas homossexualidades. Segundo Antunes (2017), a ordem social vigente em nossa sociedade é calcada sobre o fundamento da heteronormatividade, lugar este que baseia toda a estrutura das relações sociais, políticas e econômicas. Portanto, veste-se de normalidade e naturalidade e é tido como um modelo social bastante conveniente às estruturas dominantes. Sendo assim, à ótica do social, a heterossexualidade é legitimada como a única via possível do desejo afetivo, excluindo toda e qualquer outra forma de expressão da sexualidade humana.

Frente a isso, numa analogia simbólica, o sujeito velho e gay retorna aos aposentos e volta para o armário. A fim de responder aos objetivos propostos por este estudo, cujo papel principal



foi dar voz a estes sujeitos velhos e gays, registrou-se de maneira íntegra os discursos que são densamente carregados por estes ditos do social, advindos da busca por um lugar ao qual se inserir, de uma nomeação possível a esta fase da vida – após os sessenta anos – e de palavras visivelmente marcadas pelos doloridos estigmas e preconceitos sociais.

Na obtenção de dados, esses discursos parecem bem coser-se e formar uma tessitura possível de interpretação e corroboração frente aos referências teóricos. Estes sujeitos embora diferentes aproximam suas falas em bastante semelhança. Mota (2012) evidencia que a velhice é complexa e mutável, uma vez que não chega ao indivíduo por inteiro e sim através do olhar do Outro. A velhice se inscreve no corpo e está aí o grande marcador de sua presença. Mesmo para aqueles que investem seus diversos capitais na produção estética do corpo e da imagem, da impossível retardação do envelhecimento, a velhice é um saber que chega através do olhar de alguém. Para os entrevistados deste estudo, “Ser velho é”,

...() o que é ser velho, é não seduzir, sabe?; ...() Você começa a se atrapalhar quando vai falar determinadas coisas, você esquece outras, tá ...() Velho é o que não tem caminho ...() ainda eu não estou demenciado, eu acho que não, mas os outros acham que sim ...() agora na minha idade, pelo que me sobra, não resta, ninguém sabe? ...() Porque a gente. Como eu disse, tende a adoecer e depender de gente. ...() ser velho também é isso, né? Às vezes ser ranzinza também, né, ranzinza (riu). ...() eu acho, depois dos 40, depois dos 30, 40, por aí, que aí você começa a ver que tem coisas que você já fez, que você começa a pensar, né, no que, quanto tempo mais você tem mais de vida? ...() A grande diferença da juventude e da velhice é essa, disposição pra, e condição física pra fazer. ...() O melhor que você esteja de cabeça, por mais que você esteja bem de cabeça, mas o corpo não nega a idade. ...() Então é como se eu tivesse um guichê da vida, e aí minha mãe tá na frente, meu pai, e eu tô atrás da fila do guichê. Agora eu tô no guichê, agora eu sou o próximo que vou para outro lugar, ou pro nada, ou pra atmosfera, então a morte, eu senti assim, a gente morre, a gente envelhece ...() Quando você tem que tomar o remedinho por que tem colesterol que está um pouco acima, então a gente já começa a achar que tem que comprar o caixão. Né? ...() é como se você tivesse mais próximo de morrer do que viver, como se fosse a fatia do bolo: você já viveu 75%, agora falta o que? 30, 45%, sabe assim? Então essa é a ideia da consciência de me sentir velho, né? ...() a gente tem um pouco de medo de, de precisar de alguém né? Dessa, não ter a autossuficiência física.

É possível extrair desse enovelamento de diálogos sobre a velhice uma série de palavras que se liam ao conceito do “*ser velho*”. Algumas delas, extraídas pelos autores deste estudo são: a *impotência*, *demência*, as *perdas*, que por sua vez se ampliam nas *perdas materiais*, *fisiológicas* e *sociais*, *dependência*, *limitação*, *finitude* e *morte*. Acerca delas, propomos tecer considerações teóricas que corroboram com alguns destes recortes.

Como nos apresenta Simone de Beauvoir (1990), o velho é o outro que não sou eu. Portanto, localizar-se nesse lugar de velho é uma tarefa difícil para os sujeitos. A representação desse lugar, ao



qual não quer se ocupar, acaba sendo enlaçada pelos discursos sociais que categorizam a velhice como um estado de decrepitude, de morte eminente, feiura, falta de vigor e utilidade. Subjetivamente estes sujeitos se excluem dos meios sociais ao constatar a falta dos adjetivos necessários para neles se incluírem. (Lourenço, Massi e Lima, 2014).

Segundo Mucida (2019) na velhice, o ideal do Eu, correspondente aos ideais que buscam serem alcançados, encontra nesse estágio da vida diversos impedimentos. Mesmo que por uma via de sofrimento, a fim de tratar o real que se expõe de maneiras dolorosas, é provocada a formação de uma série de sintomas. O sujeito que nega veementemente as mudanças no corpo acometidas pelo seu processo de envelhecimento, justifica-se aliando à velhice a doença. Nesse percalço, acaba “entrando numa cadeia interminável de idas aos médicos como tentativa de tamponar o real em cena” (Mucida, 2019. p. 100).

Ainda nesse sentido, por não ser valorizada culturalmente, a velhice não traz aos sujeitos perspectivas de novas aquisições. Versa-se então uma série de perdas inevitáveis, distintas entre si. (Mucida, 2019. p 110). Destas, as perdas que marcam à ferro quente os discursos dos entrevistados são as relativas aos laços sociais familiares, o saber da proximidade da própria morte, ligando a velhice a possível morte eminente e as perdas associadas ao corpo, ao vigor e a disposição. As perdas relacionadas ao laço social dos sujeitos são inevitáveis, frente a inexorável finitude do Homem. No entanto, segundo Mucida (2019) o amedrontamento da morte diz sobre a perda dos investimentos libidinais dos sujeitos. Em suas palavras,

Amedronta na velhice a morte do desejo e não outra coisa, amedronta o sentido da repetição e do gozo, e é aí que a morte reina soberana. Da outra morte nada sabemos; apenas que é o inevitável, o indizível e, sobretudo, constituindo-se a única certeza que temos, paradoxalmente, dela nada sabemos; não sendo dialetizável (p. 144).

Para a autora, as perdas que se discorrem ao decorrer da vida, em especial, as perdas no laço social, demandam ante tudo a elaboração e o tratamento. É difícil reinventar-se na velhice, indubitavelmente frente as perdas dos enlaces humanos. O sujeito enlutado pela série de perdas em si mesmo precisa trabalhar os demais lutos que o abarcam, caso contrário, podem responder com a depressão, uma possibilidade sintomática e comum na velhice. A este trabalho com o luto, Mucida (2019) afirma que “implica um mínimo da presença do Outro e de recursos simbólicos pelos quais o idoso possa simbolizar as perdas” (p. 146).

Nesse aspecto, urge a necessidade do trabalho da elaboração dos lutos e da possibilidade de reinvenções do processo da velhice. Afirmamos que nesse sentido o envelhecer é um processo de rasgar-se e remendar-se. Fazendo ser possível novas recosturas e remendos diários.

Dentre as intersecções e vias diversas que atravessam o envelhecimento humano, este estudo dedicou um olhar e escuta atentos para a sexualidade na velhice. Embora muito pensado que na velhice o desejo sexual seja perdido, ele vive e pulsa nos sujeitos. Santos (2003) apresenta que as sexualidades humanas não se atem somente no campo das relações genitais, embora este pensamento seja muito creditado no social. Nas suas palavras “O que mantém vivo o ser humano é



a afeição, a ternura, o sonho, a presença de alguém que o escute, com quem compartilhar a vida” (p. 30).

As entrevistas deste estudo, em especial, demonstraram que na velhice, sujeitos gays e velhos ainda desejam e querem ser desejados. Nos diz Santos (2003) que enquanto sujeitos nos constituímos a partir do Outro. Este Outro que nos dá sentidos, que nos dá um olhar. Olhar este que no princípio dá ao bebê uma noção de completude na relação de espelhamento com a mãe. A partir disso e de um simbolismo inicial “Espelho, espelho meu” buscou ouvir os discursos desses sujeitos gays envelhecidos, ainda desejantes, a fim de contrastar com o aporte teórico da sexualidade na velhice, seus ditos.

...() mas sabe, o que eu estou vivendo hoje com 60 e lá vai cassetada assim, que tem um público que curte esse perfil ...() Veja, eu curto, tanto é que eu uso barba grisalha, eu curto! Sou velho, assumo! Sou idoso, tenho mais de 60, tenho meus direitos de idoso e quem gosta, gosta do que é. Só que eu não vou, que eu acho ridículo, pintar minha barba de preto. Não faço isso! Agora, veja, eu descubro que de repente que existe, não sei se no meio hétero, mas no meio gay, uma série de pessoas que gostam de pessoas da minha idade, tem, é bom ...() Mudou muito não, assim mudou, mudou por que assim, cai muito a libido, né? Caiu... eu senti que a libido foi embora, bastante. E você passa por outras coisas você... não sente mais essa vontade de tar transando. Não sinto, não sinto mais essa vontade. Agora sim, eu gosto de ver filmes eróticos, eu gosto de ler contos eróticos, entendeu? Mas não sinto mais a mesma coisa que sentia antes. É claro, naturalmente, já tá velho (riu) não dá pra... não é a mesma coisa, só que eu ainda não descobri outros meios. ...() não tem mais assim, uma, um sonho de ter um relacionamento, não tenho mais isso. Entendeu, parece que é uma coisa que, parece que já foi suficiente. Então nesse sentido eu não acho que é melhor, eu acho que depende de cada um, eu acho que de repente pode ser que amanhã, é, eu vou num lugar e vou ter uma relação com um vizinho que fazia 20 anos que eu não imaginava, não sei. Mesmo que ele tivesse 80 anos, eu não sei. Tivesse 40, ou tivesse 20, né? Eu acho que é isso. ...() Não sei porque, é, talvez assim, as experiências afetivas e amorosas, as relações da vida eu vivi o que eu acho que pude viver delas, elas foram, acabaram, numa boa, sem drama, né? E já tive coisas que, não sei se a gente, não senti falta ou necessidade disso. ...() É uma coisa assim, parece que eu fiz a, todas as experiências, e fiz tudo isso, e aí depois eu acho que fiquei cansado, não sei se deu uma sensação de cansaço.

A esfera singular da sexualidade de cada sujeito é uma tessitura difícil de ser alcançada através dos discursos dos entrevistados. Ora evitada, ora marcada pelos não-ditos que se escondem entre as palavras. Essa dificuldade do acesso aos conteúdos sobre a sexualidade dos entrevistados é corroborada por Vasconcelos et al. (2004), uma vez que a sexualidade na velhice é contaminada por uma série de preconceitos e tabus. Dentre as palavras que veem a lidar-se com os ditos apresentados, encontrou: a *inibição da obtenção de prazer genital, diminuição da libido,*



resistência ao discursar sobre a temática, desejar o outro e sentir-se ser desejado. Acerca disso, propõe-se tecer algumas considerações contrastando o material da amostra com o aporte teórico científico.

Vasconcelos et al. (2004) contextualizam uma visão da sexualidade na velhice a partir do entendimento de cinco fatores básicos que pesam sobre os sujeitos, fazendo com que haja uma restrição da amplitude das escolhas pessoais de cada um e sendo, em muitos casos, a abertura para a inibição das práticas sexuais. A saúde física é um importante fator que se transpassado pela doença, seja em qualquer idade, pode afetar o interesse sexual dos sujeitos. No entanto, o aparelho sexual não se deteriora na velhice se esta for alcançada numa vivência saudável. Observamos em alguns recortes das entrevistas que a saúde física, em especial relacionada à diminuição da libido, não impede apenas as relações sexuais, mas também a procura por parcerias.

Os preconceitos sociais são outro fator importante, uma vez que o envelhecimento humano é atravessado pela ideologia e imaginários sociais. Nessa seara, as modificações do corpo que são visíveis ao Outro e as alterações de papéis e posição nas hierarquias sociais são arraigadas ao jugo social que ostenta o 'jovem produtivo' e descarta o 'velho inútil'. A partir disso, a depreciação da velhice na cultura ocidental compele os velhos a "aposentar-se também do terreno sexual, no qual as iniciativas representam um risco importante de desapontamento e frustração" (Vasconcelos et al, 2004). Ou seja, a autoestima entra no campo de batalha entre desejar e demonstrar sensualidade e ser julgado como o velho demenciado que perdera o controle de suas pulsões.

O conhecimento sobre a sexualidade é um fator que se remete aos casos do desconhecimento das mudanças fisiológicas que se atrelam normalmente ao envelhecimento. Por entender a impotência como um 'sintoma da velhice' os homens acabam por terem um rebaixamento da autoestima ao não conseguirem ter uma ereção e então passam a evitar as relações sexuais e até mesmo afetivas.

Por fim, o status conjugal pode ser um fator determinante na busca pela obtenção do prazer genital e outros, uma vez que tendo uma relação de parceria, as relações eróticas podem acontecer com mais frequência, realidade que, não a via de regra, pode ser distante dos sujeitos que não possuem um parceiro. Nesse caso, pode-se explicar o abandono das relações sexuais, mas não se explica a inibição do interesse e comportamentos sexuais dos velhos. Talvez se explique pela própria inibição. O que está concorde adiante;

As interpretações de alguns ditos dos entrevistados também levam a pensar que em certos casos a sexualidade desses sujeitos é sublimada para outras atividades prazerosas, em sua maioria, do dia a dia, que vão na contramão da descarga genital unicamente. Esse ponto de visão é corroborado pela pesquisa de Santos (2003), que identifica a sublimação da sexualidade na velhice ao prazer de cuidar dos netos por exemplo, sair com os amigos e amigas ou praticar atividades físicas. Citando um recorte apresentado numa das entrevistas "[...] *não sente mais*



essa vontade de tar transando. Não sinto, não sinto mais essa vontade. Agora sim, eu gosto de ver filmes eróticos, eu gosto de ler contos eróticos, entendeu?”.

Esses fatores levam a pensar nas relações afetivas que estes sujeitos se empreitam. Ou seja, o desejo desses sujeitos velhos ainda encena. O desejo pelo outro e o desejo de ser ainda desejado. Ao contrário do imaginário da velhice, o desejo não é aposentado pelo tempo. O que fazem dos sujeitos, atravessados pelo discurso do Outro, realocarem a posição dos seus desejos, ou destinando-o aos campos da inibição. Em resumo, sobre o desejo na velhice, as palavras de Santos (2003) se fazem primorosas,

Para a psicanálise, no entanto, o desejo não está demarcado pelo tempo cronológico, mas por inscrições de significantes que estão na base da constituição do sujeito, enquanto sujeito do inconsciente. O que vai erogenizar, libidinizar cada um, está para além de uma questão estética puramente determinada pela idade, pelo consumo, pela mídia, pois refere-se ao que produziu satisfação nas primeiras experiências, e que inscreveu marcas, representações, significantes de satisfação. (p. 82)

No conto “*O Espelho*” de Machado de Assis, o personagem principal, Jacobina, acredita na existência de duas almas, uma alma interior e uma exterior. Em suma, conta de sua juventude, quando fora nomeado alferes da Guarda Nacional. A partir daí é visto por sua família, tias e primos, unicamente como alferes, a ponto de, ao passar do tempo, identificar-se e assumir-se exclusivamente desta forma. O ‘homem’ (alma interior) dá lugar ao ‘alferes’ (alma exterior). Um dia sozinho em casa, enquanto desvestido da farda de alferes, prostrado diante dum espelho choca-se por não se reconhecer na imagem reproduzida no vidro, com medo e sentindo que estava à ponto de enlouquecer se afasta do espelho. Decide vestir a sua farda de alferes e novamente diante do espelho consegue se identificar e encontrar a ‘alma exterior’ que antes não via.

O conto serve de inspiração na leitura da amostra de dados recolhida e junto do aporte teórico científico. Segundo Fiuza (2016), o olhar externo, de fora, é quem determina o sujeito. Nesse sentido, nas palavras da autora, “Assim como o protagonista do conto que acredita em duas almas, Lacan dirá que um ego nunca está sozinho, ele comporta sempre um ‘estranho gêmeo’, o Eu-ideal”. Ao pensar no processo de envelhecimento a partir da ótica da reflexão do conto, o homem velho que se vê diante do espelho não vê aquilo que se registra em sua imago interior. Nesse momento surge uma “Rachadura no espelho”.

...() eu não me sinto velho ...() quando a gente tira fotografia, ou quando a gente se olha, a gente vê que o corpo muda. ...() Que eu acho que no sentido psíquico parece que a gente não envelhece, eu fico pensando isso. Eu acho que tem um desequilíbrio entre o que você sente, entre o seu sentimento e o que ocorre de fato na parte física, que você não consegue retardar ...() Quando eu tava no metrô e uma pessoa me deu o lugar pra eu sentar, me ofereceu o lugar pra eu sentar, né? E aquilo me, me, o sentimento foi, quer dizer, era uma educação, uma coisa que a gente valoriza, mas pra mim soou como uma ofensa, uma facada, uma dor. Né?



O saber-se velho, como diria Mota (2012) é um saber que advém em primeiro lugar pelos olhos do Outro. Retomando Simone de Beauvoir (1990), o velho é o outro que não sou eu. Esses recortes teóricos dão base para um entendimento prévio dos ditos agora e já anteriormente apresentados. Nos ditos dos entrevistados, saber-se velho é “soar uma ofensa, é uma facada no peito, uma dor imensurável”. Nas palavras de Mucida (2019, p. 102), “percebemos mais facilmente a velhice no outro”, isso porque o processo de envelhecimento humano é longo e bastante silencioso. No entanto, as marcas que residem no corpo denunciam a velhice humana, embora se tenha submetido aos vários investimentos possíveis para não se distanciar dos ideais da jovialidade e da juventude (Mota, 2012).

Nessa perspectiva, Mucida (2012) tece a reflexão da existência de um duplo, um ‘estranho’ inquietante que se vê na imagem refletida no espelho ou numa fotografia. A reflexão que surge a partir daí é de um estranhamento ao se deparar com essa imagem. Para Mucida (2012) a relação com o espelho é marcada pelo engodo da espera de uma verdade. No entanto, o espelho é incapaz de traduzir. Diz a verdade de uma maneira desumana e frente a ele, o sujeito perde qualquer ilusão sobre sua juventude. Ou seja, nas palavras da autora,

A imagem traçada na velhice pode trazer um reencontro ao estágio do Espelho, mas dessa vez pelo espelho “quebrado”, com os mesmos mecanismos presentes no segundo momento do estágio do espelho, sobretudo pela agressividade contra essa imagem que se vê e se odeia, tentativa de matar esse outro no qual o idoso se aliena. (p. 109)

Essa imagem que se apresenta diante do espelho, a experiência do ‘espelho quebrado’, revela as perdas que não encontram reparação, perdas das quais esse sujeito terá de se adaptar. Surge aí uma estranheza inquietante, uma aflição. Uma vivência que anuncia uma outra perda, a da imagem ideal. Na velhice as perdas e mudanças na imagem colocam o sujeito frente a possibilidade única do trabalho de luto, pois não há perspectivas de novas aquisições. Não há valorização dessa imagem na cultura e por isso, também e não a via de regra, haja a dificuldade de se reconhecer frente ao que o espelho mostra (Mucida, 2012).

Para os entrevistados saber-se velho e assim serem chamados soa como uma deselegância, pois ‘não se sentem velhos’. Esse saber chega como que de assalto pelo Outro, no metrô, na imagem refletida no vidro, na fotografia de família, na câmera do celular. Aludindo ao conto de Machado de Assis, desvestidos do ideal de juventude que construíram por um longo tempo, esses sujeitos não se reconhecem na imagem do espelho e na impossibilidade do acesso da ‘farda de alferes’, o espelho racha.

O corpo e sua estética, bem como sua performance no meio social, tornou-se para a sociedade um capital simbólico (Mota, 2012). Parecer-se jovem e ainda, expressar-se como tal, é um requisito imposto pelos meios homossociais. Pensando na perspectiva das vivências e dos enlaçamentos possíveis entre o meio social e homossocial e os velhos gays, buscamos nos recortes que tangenciam a esfera do laço social dos sujeitos, tecer algumas considerações a partir do enunciado “Eu, tu os nós e os laços sociais”.



...() parece que assim, o mundo homossexual tem ainda, eu acho, tem uma supervalorização desses padrões de beleza, né? Do plenamente belo, e aí a velhice não bate muito com isso parece. ...() não tem espaço pro gay, não tem espaço pro homem que não faz parte da história da família; ...() nós somos uma sociedade extremamente conservadora não sei. ...() a maioria das coisas é feita pra, mais pra héteros. E assim, você, até mesmo casas de repouso, casas de acolhimento, instituições de acolhimento. Que você encontra é tudo mais pra hétero, não tem, então isso é o que mais eu tenho medo porque eu sou velho, tenho meus irmãos também velhos também, quer dizer, meus sobrinhos vão cuidar? Porque eles teriam que cuidar de mim?

...() Eu acho que os velhos, eles ficam mais invisíveis, ficam mais invisibilizados. ...() o A. dizia “que nada rapaz a gente quando ficar velho pode botar um vestido que não vai nem saber que a gente está vestindo, que é um homem que está vestido com um vestido! Nunca nem vai se preocupar com isso, porque velho ninguém se preocupa não” (riu). ...() Meu caso tenho 60, mais de 60, eu vi os amigos morrerem, eu vi as pessoas queridas partir e eu me sinto sobrevivente, tá? E daqui pra frente meu querido tô cagando e andando pro que pensam de mim, sabe? Eu! Se eu hoje quiser beber, eu bebo. Se eu hoje quiser andar de quatro, eu ando. ...() Essa merda de pandemia, cara, tirou um monte de coisa da gente. Porra, não quero chorar, não quero. Os meus amigos (começa a chorar) foram todos embora na pandemia.

...() enfim a gente falava das bobagens da vida (chorando e tampando o rosto), e de repente de um dia pro outro essa merda de COVID me tira eles, cara! Uma bosta isso! Porra, isso dói muito!

A homosociabilidade, segundo Mota (2012) é expressivamente marcada por uma forte erotização nas relações e para que o indivíduo se sinta aceito ou adepto aos meios gays, é preciso deter este capital simbólico exigido. É preciso deter estruturas físicas corporais dentro de um padrão estético requerido para se sentir atraente e incluído no circuito gay. O idoso que não se encaixa neste padrão é deixado de fora dos meios frequentados por sua comunidade e precisa, muitas vezes, apostar no seu físico para que se sinta aceito. Para Antunes (2017, p. 326),

O culto ao corpo e aos excessos do prazer é estimulado, gerando-se um estado de carência permanente, em nossa cultura atual, que valoriza a juventude, o excesso de prazeres e o culto da felicidade, como sinônimo de ausência de sofrimentos, doenças e dores. Tornar-se velho é sinônimo de aberração.

A partir desse ponto de reflexão, os discursos dos entrevistados remetem a uma falta de lugar, um não-lugar do qual possam inserir, seja no meio homossexual que não inclui os velhos e majoritariamente o meio social comum a todos.

Como já elucidado anteriormente, a ordem social vigente nos dias de hoje é fundamentada na heteronormatividade. Nesse sentido, não há espaço para o desejo e representações sexuais diferentes da norma heteronormativa, que estrutura a ótica principal das relações sociais, políticas e econômicas da sociedade (Antunes, 2017). Ou seja, como argumentado pelos entrevistados, não há espaço para os gays velhos.



Numa via de mão dupla, andam a exclusão social referente à orientação sexual, sua homossexualidade e à idade cronológica, a velhice. Nas palavras dos entrevistados, ser velho é ser invisível aos olhos do social. Sobre o aspecto do envelhecimento, num mundo globalizado que cobra a urgência da agilidade e da produção, tornar-se velho quer dizer se tornar obsoleto (Mucida, 2019, p. 80), tal qual um objeto que perdeu sua utilidade e logo é descartado.

O velho se depara então com o desamparo social que é cruel. Ele não se encaixa nas novidades compulsórias, está fora do imperativo do novo, do jovem e do belo e tem seus saberes desvalorizados. Nesse sentido, surgem novas formas de segregação dos velhos, calcadas sobre a ordem econômica dos incluídos e os excluídos pela globalização. Ou seja, a segregação dos velhos quer dizer de uma tentativa de exclusão das diferenças, que se fazem tão semelhantes e insuportáveis de serem vistas. (Mucida, 2019, p. 82 - 89)

Alguns dos discursos dos entrevistados que permeiam essa via de reflexão, em recorte, são corroborados por Mucida (2019, p. 89), “Os idosos são segregados e às vezes se segregam e, nesse caso, identificando-se ao significante *idoso*, fazem uma cadeia interminável de sintomas, delegando ao Outro sua administração”.

A execução dessa pesquisa, no entanto, foi atravessada por uma realidade que afetou diretamente o curso das entrevistas e coleta dos dados apresentados: a pandemia do Coronavírus (COVID-19). No ano de 2020 o mundo foi tomado pela rápida circulação do vírus que, sem medicamentos e vacina de prevenção e tratamento, deixou milhões de mortos ao redor do globo. O Brasil foi um dos países mais afetados pela COVID-19. No momento da escrita deste artigo, o país alcançou a marca de mais de seiscentos mil mortos (Our World in Data, 2021).

A pandemia deixou um lastro de perdas nas vidas de muitos sujeitos, perdas de pessoas, de rotinas, de *con(tato)*. Este estudo que desde o princípio visara entender algumas vivências humanas específicas na velhice não poderia ausentar-se em tecer breves considerações sobre a morte. Ainda mais, sobre a realidade pandêmica que afetara os sujeitos desta pesquisa em demasia e que se estampara tão veemente em seus discursos na amostra de dados.

Os discursos dos entrevistados são fortemente marcados pelas perdas de amigos, familiares e vizinhos durante a pandemia. Perdas repentinas e inesperadas, dolorosas e ainda sob trabalho de luto. A tristeza e a dor frente aos laços que se rompem sem aviso prévio, são estampas nas vozes desses sujeitos. Além disso evocam o medo de também serem acometidos pela doença que pode levar à morte.

A morte é um fenômeno que escancara a fragilidade do Homem frente as forças da natureza, tão superiores. Em *O futuro de uma ilusão*, Freud destaca essa fragilidade e limite da existência humana.

Existem os elementos que parecem zombar de toda tentativa de coação humana; a terra, que treme, se abre e soterra o que é humano ou obra do homem; a água, que tudo inunda e afoga ao sublevar-se; a tempestade, que tudo varre para longe; há as doenças, que há pouco tempo descobrimos serem ataques de outros seres vivos; e, por fim, o doloroso enigma da morte, para a



qual até agora não se achou e provavelmente não se achará remédio. (Freud, 1927, p. 247)

Mucida (2019) fala que ao se deparar com as perdas e o trabalho de luto em demasia advindo delas, o velho vê o fantasma da infinitude se esvanecer e a morte cada vez mais se aproximar. Em suas palavras,

A velhice pode ser também o momento em que o fantasma da infinitude escancara sua face não mais tão divertida por diferentes perdas e modificações corporais, encontrando, ainda, uma certa fragilização dos recursos simbólicos. Tudo isso impõe o trabalho de luto [...]. O prelúdio da morte anunciada poderá igualar-se à velhice (p. 144).

As perdas durante todo o processo de envelhecimento são inevitáveis e sempre presentes. No entanto, especificamente na velhice, as reinvenções e reelaborações de vida podem ser um grande desafio para os sujeitos. Cabe a cada um o trabalho de elaboração do luto, com um mínimo de presença do Outro, de recursos simbólicos a fim de simbolizar as perdas. (Mucida, 2019, p. 146). A pandemia deixou um lastro de perdas nas vidas de muitos sujeitos, perdas de pessoas, de rotinas, de tato. Uma realidade que escancara a fragilidade a impotência humana. Os lutos que se agigantam nos sujeitos devem ser trabalhados, para que possam chegar ao fim de forma mais natural possível, possibilitando novos investimentos libidinais e possíveis reinvenções da velhice como um todo (Cocentino e Viana, 2011).

Considerações Finais

Não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer, eu quero é viver pra ver qual é, e dizer venha pra o que vai acontecer.
Arnaldo Antunes, 2009

Este estudo teve início há mais de dois anos na curiosidade e no desejo de entender a velhice e seus desdobramentos. Atentos ao saber presente na literatura geral de que quem empreita nos estudos da velhice são aqueles que obtiveram bons momentos junto a idosos, a proximidade e o amor pelo trabalho junto aos velhos motivou ao pesquisador o estudo e a escrita deste material. Pesquisar o envelhecimento humano atrelado a concepções das sexualidades e das transformações inerentes a este processo da vida é sempre uma experiência primorosa. Como serão os jovens de hoje, os velhos de amanhã?

Faço minhas, neste estudo, as palavras de Arnaldo Antunes, “*Não quero morrer, pois quero ver como será que deve ser envelhecer*”. Só quem empreende num bem envelhecer terá uma bela velhice. Nesse sentido, busquei através desta pesquisa, bastante inicial e nada simples, como os jovens de ontem e velhos de hoje, assim como eu, homossexuais, vivenciam o seu processo de envelhecimento.

Tal como já sublinhado na literatura, o envelhecimento dos sujeitos desta pesquisa é marcado à *ferro quente* os ditos do imaginário social da velhice. Velhices que são pensadas como condição



de estarem a margem de doenças possíveis, de solidão e rompimentos nos laços sociais, de uma morte que está em ronda e cada vez mais perto – e que sendo assim, se faça útil esperá-la bater à porta, sentados.

Esses sujeitos expressam de maneira significativa a falta de um lugar nos meios sociais, de espaços que os agreguem, de olhos que os vejam, ouvidos que os escutem. Durante uma das entrevistas, um entrevistado para de falar, olha para o telhado da casa e vê um bem-te-vi a cantarolar. “Olha”, dizia ele, “estou falando com você e escutando o bem-te-vi cantar”. A reflexão que surge, do poeta pesquisador é, *quão estamos vendo os nossos velhos hoje?* Qual o olhar que direcionamos à velhice quando chega até nós como a vindoura fase humana a qual todos hão de viver? Perguntas estas que se fazem primorosas para novos estudos consequentes a este.

A finitude é um dos fantasmas que aparecem na vivência destes sujeitos velhos. A morte dos entes queridos, dos amigos e colegas, de vizinhos e conhecidos, chega com a notícia de que a ‘imortalidade’ é apenas reservada aos deuses, e que esse corpo, já marcado pela transitoriedade da vida, a qualquer momento poderá falecer. Isso não significa que a velhice é um sinônimo para a morte, embora o imaginário da velhice o propague e, como arames farpados, esses discursos estigmatizantes do social, se amarram nos velhos. Nesse sentido, as relações e laços sociais, alguns já rompidos pelo tempo, acaba sendo restrita aos familiares e cônjuges que ainda os rodeiam.

Aos que mantêm um relacionamento afetivo conjugal ou não, a expressão da sexualidade, a busca pelo prazer é por vezes sublimada para outras atividades que não o sexo. A impotência, que é ligada erroneamente a um ‘sintoma da velhice’ acaba por limitar as relações sexuais. Nesse sentido, para os sujeitos desta pesquisa, falar de sexualidade na velhice ora é limitado pela inibição em se falar sobre o tema, ora marcado pela ‘falta de desejo’.

Os meios homosociais são evitados, pelo desejo de não mais frequentarem os eventos e locais reservados à comunidade LGBTIA+, e pela exclusão dos homossexuais velhos dentro dos próprios meios. Estes que cobram as insígnias do corpo jovem, da expressão da jovialidade, que repulsam a velhice e aquilo que por ela circula. Nesse ir e vir, o velho gay não encontra um lugar. Esta é uma geração de velhos que caminhou sobre o “país da diversidade”, em décadas de preconceitos ainda muito escorchantes e limitantes. Ainda na velhice se deparam com a dupla estigmatização, da idade e orientação sexual. Do preconceito contra os velhos e com a homofobia. Com a exclusão. Com a falta de um lugar nos meios sociais, gays ou não. Com a dificuldade de uma nomeação possível a esta fase da vida. Velho? Idoso? Adulto? Coroa? Tiozão? Gay velha? Maricona? Paizão? Ditos esses que aparecem no linguajar dos velhos gays, que permeiam a homosociabilidade.

Esses sujeitos se deparam então com o câmbio estético de seus corpos e a apercepção de mudança no sentido psíquico, “*Eu não sou velho*”, “*Que eu acho que no sentido psíquico parece que a gente não envelhece, eu fico pensando isso*”. Esses ditos dos entrevistados ilustram essas modificações referentes a velhice que ninguém consegue escapar, mesmo utilizando de inúmeros processos cirúrgicos estéticos de “reparação” do corpo. Frente aos espelhos sociais, aos espelhos emoldurados de casa, às fotografias familiares ou de tempos passados, essa velhice que não se



deseja é vista, chega como que de assalto, assusta, angustia e inquieta. Ainda, serem chamados de velhos é como uma ofensa, pois velho é aquele objeto que ninguém mais quer, que deve ser jogado fora, que não tem mais utilidade alguma. Essa visão que é alimentada pelo imaginário social traz novos termos que mascaram o estigma da velhice, “terceira idade”, “melhor idade”. Qual seria a melhor idade para se viver?

Portanto a velhice pode ser um tempo em que o sujeito pode e deve buscar formas de integrar os meios sociais em que vive, reivindicando direitos e políticas públicas de inclusão e respeito. Pode ser um tempo em que, frente as inúmeras perdas advindas da transitoriedade e longevidade, possa-se reinventar e escrever novas formas de conduzir a própria história. De conhecer novas maneiras de se expressar no mundo, de tocar o outro e de bem viver. De lutar contra os estigmas e preconceitos em que se amarra e dar escuta aos desejos e não aos ditos dos imaginários sociais.

Esta pesquisa buscou novas perguntas e não respostas, por isso não se extingue aqui, visto a série de novos questionamentos que surgiram a partir das discussões e reflexões dos discursos ouvidos. Falar e pesquisar o envelhecimento humano é penetrar num vasto oceano de enigmas e complexidades ímpares, de singularidades únicas e semelhanças muito possíveis. Ainda mais, falar da sexualidade nesta fase da vida é uma urgência, pois se faz necessário quebrar muitos preconceitos engendrados nos imaginários e vivências humanas, nas vozes e pensamentos que invadem a sociedade como um todo.

À guisa de conclusão, frente ao espelho, a velhice pode ser um momento da vida em que se valha a pena recosturar as feridas abertas advindas do tempo, reaver-se com a própria imagem refletida no vidro, ajustar as bainhas que parecem impedir o caminhar e a busca por novos horizontes, reconstruir novos olhares para o mundo e desnudar-se das vestes que apertam e já não cabem mais. Embora de início esse espelho pareça se quebrar, que se façam mosaicos com os estilhaços e que se permitam ver a vida através da arte de se reinventar.

Referências

- ANTUNES, P. P. (2017). Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. *Kairós*, 311-335.
- ASSIS, M. d. (1994). *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. Bardin, L. (2011). *Análise de Contéudo*. São Paulo: Edições 70.
- BARRETO, M., & HELOANI, R. (2012). Sexualidade e envelhecimento. *Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa*, 77 - 95.
- BEAUVOR, S. d. (2018). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Ceccarelli, P. R. (2008). A invenção da homossexualidade. *Bagoas*, 71 - 93.
- COCENTINO, J. M., & VIANA, T. d. (2011). A Velhice e a Morte: reflexões sobre o processo de luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 591 - 600.
- COSTA, E. M. (1998). *Gerontodrama: a velhice em cena*. São Paulo: Ágora.
- COSTA, S. A., & KAMIMURA, A. L. (2011). Ser homossexual no século XXI: os desafios e as conquistas vivenciados pelos associados do grupo Shama - Uberlândia/MG.



- ERIKSON, E. H. (1959). *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar. Fiuza, M. (2016). Espelho, espelho meu? *Gragoatá*, 867 - 880.
- FREUD, S. (2014). *Obras Completas, Volume 17: Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de uma Ilusão e Outros Textos (1926/1929)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FREUD, S. (2016). *Obras completas, volume 6 : três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GUIMARÃES, A. F. (2009). O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades. *Temas em Psicologia*, 553 - 567.
- HENNING, C. E., & DEBERT, G. G. (2015). Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *Mais 60 - Estudos sobre Envelhecimento*, 8- 31.
- LACAN, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LOURENÇO, R. C., & MASSI, G. (2011). *Linguagem e Velhice*. Curitiba: Juruá.
- LOURENÇO, R. C., MASSI, G., & LIMA, R. R. (2014). Trabalho com a linguagem e envelhecimento: uma busca por ressignificações de histórias de vida. *CEFAC*, 672 - 678.
- MANZINI, E. J. (2004). Entrevista Semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. *A pesquisa qualitativa em debate*.
- MOTA, M. P. (2012). "Ao sair do armário encontrei a velhice": a homossexualidade masculina e a experiência do envelhecer. *PRAIA VERMELHA*, 133-144.
- MOTA, M. P. (2012). A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos. *Bagoas*, 199 - 222.
- MUCIDA, A. (2009). Identificação e envelhecimento: do espelho que não se quebra e outros espelhos. *Kairós: Gerontologia*, 44 - 53.
- MUCIDA, A. (2019). *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Our World in Data*. (29/10/2021 de Outubro de 2021). Fonte: Our World in Data: <https://ourworldindata.org/coronavirus-data>
- SANTOS, S. S. (2003). *Sexualidade e amor na velhice*. Porto Alegre: Sulina.
- SEFFNER, F., & DUARTE, G. (2015). E quando não há muito mais o que guardar no armário? Homossexualidades e processos de envelhecimento. *Bagoas*, 57 - 82.
- SIMÕES, J. A. (2012). Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa*, 119 - 138.
- VASCONCELLOS, D., NOVO, R. F., CASTRO, O. P., VION-DURY, K., RUSCHEL, Â., COUTO, M. C., & GIAMI, P. d. (2004). A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas - comparação transcultural. *Estudos de Psicologia*, 413 - 419.

Anexo 1 – Roteiro da Entrevista

Nome completo:

Idade:

Local de nascimento:

Nível de escolaridade:



- Em que fase da vida você se sente? Jovem, adulto ou velho?
O que é ser uma pessoa jovem?
Você sente saudade da época como jovem? Por quê?
O que é ser velho?
Quais são os sinais da chegada da velhice?
Como você vê seu processo de envelhecimento?
Quais são os ganhos com o alcance da velhice?
Quais são as perdas com o alcance da velhice?
Você passou a vivenciar a sua orientação sexual ainda jovem ou na vida adulta?
Ser ou estar no processo de envelhecimento, sendo “gay” traz diferenças com o ser velho hétero?
Por quê?
Enquanto assumidamente gay e velho, você percebe-se impedido de fazer algo?
Como você percebe que o meio homossexual se relaciona com os gays jovens e os gays velhos?
Tem diferenças?
O que mudou para você, na busca ou manutenção das relações afetivas e sexuais, depois de seu envelhecimento?
Como foi e como é para você lidar com a mudança do seu corpo?
Qual é a sua relação social com a comunidade gay?
Qual a sua principal rede de apoio emocional hoje?
Em que momentos você busca sua rede de apoio emocional?

Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, Junior Malinowski de Oliveira, aluno de graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), sob orientação da Psicóloga Ms. Sandra Cristine Machado Mosello (CRP- 08/18391) e coorientação da Psicóloga Dra. Regina Célia Celebrone (CRP- 08/6176), convidamos você a participar do estudo intitulado *A Velhice Frente ao Espelho: Concepções sobre Envelhecimento, Homossexualidades e Laços Sociais*

- a) Este projeto visa conhecer como homens homossexuais velhos vivenciam seu envelhecimento. Buscará compreender como estes sujeitos percorrem o processo de envelhecimento diante do laço social e como subjetivam a transformação da imagem de si.
- b) O objetivo desta pesquisa é conhecer como os homens homossexuais vivenciam seu processo de envelhecimento.
- c) Caso você participe da pesquisa, será necessário colaborar com uma entrevista episódica com o pesquisador, ou seja, uma entrevista semiestruturada que visa compreender de que forma suas experiências são relevantes para a pesquisa, com duração média de uma hora



e meia. A entrevista acontecerá por meio de perguntas abertas, semiabertas e fechadas, norteadas pelo tema proposto, que será gravada em áudio e posteriormente transcrita na íntegra para análise.

- d) Para tanto, você deverá comparecer ao encontro individual a ser realizado na Universidade Tuiuti do Paraná, no seguinte endereço, Rua Sidnei A. Rangel Santos, 245 no horário definido previamente através do primeiro contato.
- e) Em consonância com os critérios de proteção e cuidados durante a pandemia do vírus SARS-CoV-2 (COVID-19), você deverá comparecer à sala de entrevista utilizando máscara de proteção individual e apresentar ao pesquisador a carteira de vacinação do Coronavírus **constando a aplicação das duas doses da vacina**. Você deverá utilizar a máscara de proteção individual durante todo o tempo de entrevista.
- f) Para tanto, a sala de entrevista será organizada para melhor lhe acolher seguindo todos os critérios de proteção e cuidados contra o vírus SARS-CoV-2 (COVID-19). Será disponibilizado álcool em gel (70%) para higienização das mãos e de todos os instrumentos utilizados em entrevista, como canetas, assentos e mesas.
- g) Você irá conversar com o pesquisador, o que levará aproximadamente uma hora e meia. Para informação, a primeira entrevista será realizada com dez pessoas, sendo elas homens cisgêneros homossexuais, de idades entre sessenta e noventa anos, de qualquer classe social e econômica, status civil e étnica.
- h) É possível que você experimente algum desconforto ou constrangimento, principalmente relacionado a questões de ordem emocional e psicológica, como vergonha ou inibição sobre algum assunto que costuma não falar. Caso isso ocorra, serão ofertados, sem custos, os serviços da Clínica Escola de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná.
- i) Alguns riscos relacionados ao estudo podem surgir, como um possível desconforto e/ou constrangimento frente a uma questão pessoal, podendo sentir-se ansioso ou apresentar um mal-estar. Caso isso ocorra, **serão ofertados, sem custos, os serviços da Clínica Escola de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná**.
- j) Como participante você não será diretamente beneficiado por sua participação. Contudo, contribuirá para o desenvolvimento do conhecimento sobre o tema estudado.
- k) O pesquisador Junior Malinowski de Oliveira, sob orientação da Psicóloga Sandra Cristine Machado Mosello (CRP-08/18391) e coorientação da Psicóloga Dra. Regina Célia Celebrone (CRP- 08/6176), responsáveis por este estudo, poderá ser contatado pelo e-mail junior.oliveira1@utp.edu.br, ou telefone: 41 98435 1750 (Junior Malinowski), das 9h00 min às 19h00 para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira antes, durante ou depois de encerrado o estudo.
- l) A sua participação neste estudo é voluntária e se em determinado momento não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.
- m) As informações relacionadas ao estudo poderão ser dadas por pessoas autorizadas, tais como pela orientadora do estudo Sandra Cristine Machado Mosello (CRP-08/18391) –



Telefone (41) 9 8899-0374. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade**.

- n) No caso de algum dano, imediato ou tardio, decorrente da sua participação nesta pesquisa, você também tem o direito de ser indenizado pelo pesquisador, bem como a ter o direito a receber assistência de saúde gratuita, integral e imediata. Ao participar dessa pesquisa você não abrirá mão de seus direitos, incluindo o direito de pedir indenização e assistência a que legalmente tenha direito.

Se você sofrer algum dano ou doença, previsto ou não neste termo de consentimento, comprovado e relacionado com sua participação nesta pesquisa, o pesquisador pagará as despesas médicas necessárias e decorrentes do tratamento, pelo tempo que for necessário. E ainda, terá a garantia do tratamento gratuito na Clínica de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná perante quaisquer desconfortos ocasionados pelo estudo. Você não renunciará de seus direitos legais ao assinar este termo de consentimento, incluindo o direito de pedir indenização por danos resultantes de sua participação no estudo

- a) O material obtido por meio da aplicação das entrevistas episódicas será utilizado para essa pesquisa e serão descartados ao término do estudo, **dentro de 05 anos**.
- b) As despesas necessárias para a realização da pesquisa, tais como os materiais de apoio para a entrevista serão arcados pelo pesquisador. Você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação, salvo caso necessário uma taxa de auxílio transporte ofertada pelo pesquisador.
- c) Você terá a garantia de que diante de problemas como mal-estar, ansiedade, angústia e qualquer outro sintoma decorrente do estudo terá acesso ao atendimento na Clínica de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná.
- d) Quando os resultados forem publicados, seu nome será mantido em sigilo e você será identificado por um código, ou serão apresentados apenas dados gerais de todos os participantes da pesquisa.
- e) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Tuiuti do Paraná, pelo telefone (041) 3331-7668 / e-mail: comitedeetica@utp.br. Rua: Sidnei A. Rangel Santos, 245, Sala 04 - Bloco PROPPE. Horário de atendimento das 13:30 às 17:30.

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos, benefícios e possíveis encaminhamentos a especialistas. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.



Eu receberei uma via assinada e datada deste documento. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, _____ de _____ de 2021.

[Assinatura do Participante de Pesquisa ou Responsável Legal]

[Junior Malinowski de Oliveira – Pesquisador]